

Mariposas

Bruna_Maria

Nunca sei se devo matar uma mariposa. Todas as noites elas entram pela janela do meu quarto. As luzes acesas – do teto ao abajur, ou a tela do computador – atraem o que de menos moral pode haver em criaturas animadas: o suicídio. Mas quem sou eu para julgá-las? Quem sou eu para julgar um ser que escolhe atravessar a janela alheia em busca de um final para si?

Devo levar em consideração que não se trata de um simples "final para si". Diferentemente das moças que conheci, as mariposas não procuram o caminho curto da experiência, por exemplo, ao decidirem comer cada dia menos, sair cada dia menos, ser sincera cada vez menos. As mariposas, muito pelo contrário, optam por um final apoteótico e, portanto, digno: vislumbram a luz, sobem obstinadas, vão alto até o teto, e lá, no foco incandescente, claro e imantado, atiram-se contra a voltagem brilhante da lâmpada que tanto as atrai.

Eu acho que eu queria ser uma mariposa. Determinadas, essas criaturas não medem esforços para alcançar seus objetivos. Não têm medo do posterior ao voofinale. Talvez não saibam da dimensão de suas ações – e o leitor contestador poderá ter razão –; contudo, realizam a ação, com ímpeto e, digamos, certa beleza poética.

Mas, o que há? Não posso ser levada a mal. Apenas divago. Antes de ser chamada a depor por tentar estetizar uma ação possivelmente covarde, pergunto: quem nunca pensou em se atirar na luz que vê tão ao longe? quem nunca cogitou se deixar queimar e arder por perceber que, talvez, em toda a sua vida, esta será a sua única oportunidade de encenar apoteoticamente?

(Tempo para respostas. Ainda que silentes.)

E aqui entra a oportunidade de desconstrução do texto que acima segue:

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/mariposas>